

CLUBE DA LUTA: UMA FÁBULA ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE

Gláucia Costa de Castro Pimentel*

Resumo

O presente artigo pretende discutir um texto cinematográfico como manifesto político ainda que comercial. O filme *Clube da luta* serve de mote para uma incursão pelo universo da comunicação enquanto peça ideológica na luta contra o domínio do Mundo do Trabalho. A película em questão discute os conceitos de civilização e barbárie nas formas de controle sobre o corpo e na construção de subjetividades.

Palavras-chave

Cinema e Política - Civilização e Barbárie - Mundo do Trabalho e Conflito

Abstract

This article discusses a commercial movie as a political manifesto. The film *Fight club* is used as an ideological art piece in order to confront the Job World. The movie deals with questions such as barbarism and civilization in its forms of body control and building subjectivities.

Key Words

Cinema and Politics - Civilization and Barbarics - The World Job and Conflicts

O desmonte do “século da disciplina”, como foi chamado por Foucault o século XIX, deveria apontar para uma sociedade de maior transparência, auto-consciência e participação política. As transgressões das vanguardas no campo das artes propunham um rompimento libertador que atingiu seu ápice na década de 60, com a chamada “revolução dos costumes”. As discussões da filosofia política e da estética, que haviam se armado contra esse estado de sudez disciplinar, chegaram aos campi universitários e, via movimentos estudantis, ganharam as ruas.

A transgressão libertadora, em sua discussão inicial, trouxe à luz o jogo camuflado dos controles, no qual hierarquias, exclusões e invisibilidades foram desmascaradas sob a retórica das ideologias. Nesse período histórico, entraram em discussão o feminismo, a homossexualidade, o multiculturalismo, e suas formas de controle foram desautorizadas.

No outro extremo da questão, a indústria cultural mantinha-se incólume, apesar da enxurrada crítica que a encurralava, transformando em inofensivas modas todas as formas de rompimentos. Quanto mais violenta a transgressão tanto mais *fashion* se tornava. As

bases do Iluminismo, assentadas na construção do indivíduo acima da sociedade como um todo, auxiliavam suas intenções, e a busca de “atitudes” e a visibilidade de individualidades atrativas trataram de cooptar imagens *punk, dark, clubber, hip-hop* e todos os movimentos inicialmente questionadores.

O embate parecia inútil e provocava a sensação de que qualquer tentativa de “desbloqueio” do cerco soaria, para as gerações subsequentes, como mera ingenuidade otimista. Após os anos 80, “ongs” setorizaram ações políticas pontuais, enquanto o mundo se maravilhava com a pujança e a agilidade que só o mercado de capitais é capaz de produzir. No entanto, nesse mesmo período, empregos, ofícios, identidades definidas e outras conquistas propostas pela modernidade foram desestabilizadas e/ou se diluíram. Mas se, na modernidade, a idéia de “derreter os sólidos”¹ rumava a novos enraizamentos, na atualidade a sociedade, sem ilusões, não pensa mais em projetos coletivos, soçobrando os individuais projetados num mercado líquidofeito em constantes fluxos, tornando inúteis idéias coletivas.

Tornar-se flexível significa liqüefazer-se² nos

desejos de um mercado que, há anos soberano, não tenta mais satisfazer necessidades, mas inventá-las e impô-las, tanto subliminarmente, quanto agressivamente. “Experimenta! Experimenta!”, diz a publicidade da cerveja, a qual já não esconde que, pela imposição, garante-se o sucesso.

A sutileza perde terreno quando se pensa o indivíduo e, ainda mais, quando se pensa o coletivo, que já soa como arqueologia sociológica. A agressividade ganha espaços. “Não me seja indiferente!”, dizem a publicidade, a política institucional e a indústria cultural que, impotente para fabricar tantos escândalos, aguarda que os *realities shows* possam ajudar seu trabalho.

O fim do filme sugere um arremedo de happy end em meio à destruição da Pólis e de seu sistema de controle vital (o financeiro).

A agressividade do mercado exige flexibilidade, adaptabilidade e submissão. O mesmo se espera da eficiência e da competência, que adquirem contornos mais rígidos na formação profissional, na organização familiar, nas empresas religiosas que se tornaram as igrejas, nos partidos, como nos restaurantes e dentistas. Serviços e produtos definem suas metas com base na competição e sucesso. A “agressividade” é virtude alardeada e ensinada nas palestras de *marqueteiros*, e assistimos a igrejas que expelem demônios, nos antibióticos que fuzilam doenças instantaneamente, e mesmo as “ongs” se convenceram de que, apenas pela lógica, não conseguem garantir que seus argumentos sejam suficientes para transformar atitudes e, por isso, investem no escândalo, nas sabotagens de empresas pesqueiras e contra outros inimigos ambientais.

A agressividade substituiu a retórica, a argumentação e a discussão. Recentemente, a ONU ficou falando sozinha, depois de meses de argumentação, e foi ignorada pelas forças estadunidenses, convencidas da eficiência da agressão. A diplomacia perdeu terreno, bem como qualquer forma de sutileza. A competência não admite hesitação, reflexão, compaixão.

A contrapartida dessa máxima perversa, que

permeia todas as instâncias da globalização, e que transformou a sociedade mais competitiva e agressiva do planeta em um império vitorioso frente a todas as outras nações, é que a agressividade também é uma idéia eficiente para dizimá-la ou, ao menos desestabilizá-la, segundo seus detratores. “Onde existe poder, existe resistência”, dizia Foucault³, como já havia sido proclamado, séculos atrás, pelas leis da Física. No mesmo tom, o terrorismo e seus homens-bomba tornaram-se eficientes ao alcançar seus objetivos através de operações pontuais e constantes.

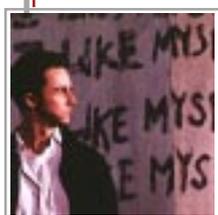
Vivemos o susto da eficiência como paradigma, o triunfo da agressão na coisa pública. Vivemos o susto do terrorismo eficiente. Vivemos o retorno à barbárie.

Em estudo recente, Jean-François Mattei indaga se teríamos, realmente, vencido a barbárie ou apenas sublimado nossas mais baixas e assustadoras paixões. Para os gregos, a civilização, para além do domínio da língua grega, estava no controle do corpo e das paixões⁴. Mas esses controles foram se distanciando do seu objetivo, que seria o bem supremo para a Pólis, ou em outras palavras, a organização natural da humanidade que, segundo Foucault, teria se degradado quando se empenhou no controle das forças políticas para a manutenção do poder em si.

Em 1999, Hollywood, paradigma do sucesso da globalização, lançou um filme repleto de astros e que, apesar disso, não foi bem comercialmente de imediato. O *Clube da luta*, de David Fincher, pretendia discutir a violência do mundo do trabalho e do consumo, num jogo que propunha a própria violência como resposta.

O que deveria ser um contraponto aos moldes do “dente por dente”, um anti-Fausto pós-moderno, chocou o público e frustrou a bilheteria. Os que foram em busca do galã bonitinho e romântico (Brad Pitt), encontraram alguém duro, embrutecido e em nada glamouroso. E aqueles que procuravam ver mais um simples filme de pancadaria, encontraram formas de lutas cruas e destituídas das glórias dos heróis.

A construção das personagens, no auxílio de uma discussão muito árida que é exatamente a questão da violência do Mundo do Trabalho, segundo Fincher, não demandaria perfis muito profundos. A superficialidade quase esquemática dos personagens induziria o foco para as ações. “Sem ação não poderia haver tragédia, mas poderia



havê-la sem caracteres (personagens)”, ensinava Aristóteles em 300 aC⁵.

Uma sinopse possível seria a narrativa de um executivo de uma grande empresa automobilística que, percebendo-se prisioneiro de um círculo vicioso entre trabalho (legal, porém imoral) e consumo (idem), não vê a possibilidade de um resgate possível. Sofrendo de insônia por seis meses, desesperado e sofrendo de alterações da realidade, ele pede socorro para as autoridades da saúde. Segue uma terapia mórbida: a de se ver “salvo” pela confrontação entre seu drama pessoal e as tragédias de terceiros. Em grupos de apoio para vítimas de doenças letais e das violências mais diversas, ele se descobre privilegiado e, nessa mórbida comparação, aos soluções de solidariedade e autopiedade, obtém o antídoto para uma consciência autodestrutiva e impiedosa.

O impasse surge na figura de uma mulher amoral que cruza seu caminho. Marla é a imagem da indiferença que expõe seu subterfúgio para si mesmo. Ignorando as regras do sistema, Marla rompe sem traumas com o jogo do poder. Para ela, questões como propriedade privada, “ganho pelo suor do rosto”, direitos civis, imagens de dignidade, respeito e cidadania, trabalho e lazer, direito e dever, perderam legitimidade e a moral judaico-cristã vigente, sua ascendência.

Espelho de seu engodo, Marla faz com que o jogo do qual o protagonista se servia para enfrentar seu dilema perca a eficiência, e ele volta a sofrer de insônia. No distanciamento que a realidade embrutecida e sem sentido vai gerando, seu próprio delírio, chamado “Jack”, assume as rédeas e, inconscientemente, ele explode seu patrimônio e finca âncoras na normalidade. Não encontrando escape na realidade organizada, o personagem principal, que nem sequer nome próprio tem, acaba se enredando em sua própria saída alucinada, radical e libertária.

Através de uma personagem fictícia, a original (ficção dentro da ficção) se divide em duas, ensejando que seus anseios consigam adquirir contornos concretos conduzindo um exército de desesperados, numa guerrilha subterrânea e bárbara, rumo à destruição alucinada do sistema vigente, através do chamado Projeto Caos. Quando finalmente aceita a destruição de sua identidade, consegue também assumir a relação afetiva com a marginal Marla. O fim do filme sugere um arremedo de *happy end* em meio à destruição da Pólis e de seu sistema de controle vital (o financeiro).

Se a história pode ser linearmente narrada, o roteiro não é tão simples assim. Para que a ficção da ficção possa ser introduzida na trama, refiro-me à personagem produzida pela psique doentia do protagonista, o público é alvo desde o início da narrativa, de um truque de filmagem, pelo qual ficamos sabendo, após uma observação mais acurada das seqüências, que nós também sofremos da mesma doença do protagonista, isto é, não vemos o que está “ali”.

Essa personagem fictícia (a ficção dentro da ficção), destituída de qualquer humanidade (porém, contraditoriamente, reduzida a uma vontade ética inabalável), irá demonstrar para nós mesmos nossa condição de vítimas da manipulação pelo olhar.

O desmascaramento do jogo do poder começa pela forma de filmagem que dará sustentação à ação das personagens. A ação da câmera, rápida e febril como um videoclip, brinca com a técnica usada pela indústria fonográfica para vender mais produtos, como seus “astros”, cds ou dvds. Mas, no caso do filme, essa mesma técnica parece demonstrar a angústia da vibratilidade em um mercado de profissionais flexibilizados, que são formados para se submeterem a toda forma de atuação desse meio.

Nosso anti-herói produz um alter-ego virtual e delirante, uma máquina de destruição que conduz o protagonista para fora do mundo em que estava preso. Com julgamentos forjados e obrigações inventadas, só faltava a “Jack” coragem para romper com seu mundo. E de coragem Tyler é construído. Uma coragem sem dúvidas, inseqüente e cruel. Tyler Durden está ali para destruir a prisão de “Jack” e, de quebra, arrastar seu criador numa cruzada libertadora através de “clubes” que se formam sem outras regras além do sigilo, da luta pelo prazer; enquanto houver saúde e desejo para tal e, por fim, pelo engajamento compulsório dos neófitos. Os clubes irão se proliferar pelo país, sem controle e em progressão geométrica.

A razão para tanta empatia é, segundo o autor, o amadurecimento da rejeição ao sistema. Colarinhos brancos, desempregados, subempregados e toda sorte de molambos existenciais que já não se alinham com as justificativas ideológicas que sustentam o sistema, deleitam-se em pancadarias catárticas.

A catarse adviria, segundo Aristóteles, pelo terror e pela piedade que a purificação dessas emoções suscitaria, no intuito de elevar o espírito

dos que assistiriam às tragédias⁶. Ora, a catarse, visando elevar o espírito, nas visões do autor do texto Chuck Palahniuk e do roteirista Jim Uhls, se daria pelo florescimento de uma “barbárie esclarecida”, longe da civilização que controla o todo para a manutenção do poder dos privilegiados e de um mercado tirano e enlouquecedor. Terror e piedade se deslocam do “outro” para sua própria condição. Na visão de Tyler:

Depois de uma noite no *Clube da luta*, tudo mais em sua vida diminui de importância. Você consegue lidar com qualquer coisa. Todas as pessoas que tinham poder sobre você vão se tornando insignificantes⁷.

As lutas passam a ser ritos de passagem que desmontam, lentamente, as barras da morte em vida. Elas remodelam o corpo para a resistência na selva de concreto. Elas esvaziam a importância dos cuidados extremos para a manutenção dos empregos e do enriquecimento das empresas, que os empregam às custas da alienação de nosso tempo e da nossa força de trabalho. As lutas reduzem o mundo de inúteis rotinas trazendo à tona, entre escoriações e cicatrizes, novos ritos de expiação do medo dos limites, dos cuidados com o corpo, do respeito que devotamos à propriedade privada e aos “heróis” que sublimam nossos instintos. Figuras como o chefe da empresa, o próprio Gandhi, Lincoln e outros símbolos de eficiência e retidão moral, são ironizadas. Conceitos tradicionalmente assumidos como corretos e impostos para conformação do projeto civilizatório como ética, etiqueta, sofisticação, educação, etc., são lentamente abandonados.

“Autodesenvolvimento é masturbação. O caminho é a autodestruição”, afirma Tyler, o herói virtual maniqueísta. Talvez essa aparente oposição em relação a Aristóteles não se confirmasse se pensássemos que a idéia inicial de autocontrole para a felicidade estivesse apoiada nas sinceras intenções dos cidadãos da Pólis de elevar o espírito de todos, de forma democrática e justa. Mas, passados os séculos, talvez essa verdade não fizesse mais sentido até para Aristóteles.

Toda moral fundada no melhoramento, também a moral cristã, foi um mal-entendido. A luz diurna mais cintilante, a racionalidade a qualquer preço, a vida luminosa, fria, precavida, consciente, sem

instinto, em contraposição aos instintos, não se mostrou efetivamente senão como uma doença, uma outra doença⁸.

No *Clube da luta*, o homem está livre para não mais se interessar por palavras que organizam e ordenam: beleza, autocontrole, eficiência, asseio, elegância, estilo, saúde, sucesso. O clube vai formando um exército de se “autodesgovernar”. Um exército de des-governados, de anti-estetas, de a-morais, de an-arquistas, o qual sonha com um mundo (des)governado por des-consumidores.

No mundo que imagino, você caça alces na floresta que circunda as ruínas do *Rockfeller center*, usando roupas de couro que irão durar o resto da vida. Eu o vejo subindo as vinhas de *Katzu* que circundam a torre da Sears. Do alto, se vê pequenas pessoas colhendo milho e estendendo tiras de carne de caça sobre uma super *highway* abandonada.⁹

Para Aristóteles, “a Pólis é o fim (télós) e a causa final da associação humana”¹⁰. Ele afirma que uma boa ação visa à felicidade, e que esta só pode ser encontrada quando as forças equidistantes da Pólis estiverem em equilíbrio. A boa ação visa o equilíbrio de direitos e deveres, além do equilíbrio

A tragédia do mundo desloca-se do excluído, o marginal, o esquecido, para o inserido, o engolido, o triturado pelo sistema.

dos estados de espírito ou alma, pelo qual o cidadão pode dar curso a seus sentimentos e desejos, que visam sempre o bem, sendo “o bem aquilo a que as coisas tendem”. A distância da paixão será um bom parâmetro para nos levar à felicidade, e a frugalidade dos atos e dos desejos poderá nos conduzir ao convívio harmonioso. As ações devem ter, por finalidade, o bem humano e nem sempre o sumo prazer equivaleria à felicidade, pois é a virtude, e não o prazer ou a honra, a finalidade da vida política.

No entanto, se pensarmos a barbárie como

o “aspecto destrutivo do progresso, a regressão mítica da razão e a submissão trágica da natureza do sujeito”¹¹ estamos assistindo ao retorno da atual civilização a uma espécie de barbárie, como se o projeto civilizatório tivesse provado sua inadequação frente o poder da Pólis, ou seja, na associação humana. A propagação das Luzes, apoiada no desenvolvimento das técnicas e na generalização da industrialização, vem levando o indivíduo contemporâneo a uma desumanização, contrariando a “teoria tradicional que repousava, desde Aristóteles, sobre a autonomia dos axiomas da razão”¹².

De fato, a ação do protagonista insiste numa busca pelo auto-enquadramento ao sistema: ele busca comprar muito para se distinguir dos outros (mas, se essa é a lei...), busca dormir para poder trabalhar bem (e essa é a lei), busca a medicina para se curar da angústia da insônia (mas a autoridade da medicina, o médico, lhe recomenda vida “saudável”, enquanto ele implora por uma boa e eficaz “tarja preta” confessando estar sofrendo) e, contra essa angústia, a autoridade da ciência, com escárnio, lhe recomenda confrontar seu desconforto com a verdadeira dor: conhecer a realidade dos portadores de câncer nos testículos. O chamado “Jack” segue o conselho e assiste às sessões dos machos destruídos e, à visão de tal sofrimento, sente alívio. Chora e se alivia na dor alheia: terror e piedade – o princípio catártico aristotélico. O alívio vem e, com ele, o sono. Volta a dormir, volta a trabalhar.

A terapia o mantém em um círculo vicioso, demonstrando sua fragilidade. Com a dor alheia, com a catarse mimética, ele consegue se manter alerta e produtivo, porém a catarse não o liberta, aprisiona-o em espetáculos de horror. Fora de sua existência, ele chora com os tuberculosos, com os sobreviventes do incesto, com os alcoólicos anônimos, com os eunucos do câncer de testículo. A catarse solidária só o satisfaz porque, horror dos horrores, o compraz como um *reality show* ao vivo, como um espetáculo para o “voyeurismo” insidioso, imoral e covarde. Mas essa pseudo-segurança imoral é destruída quando Marla aparece no circuito, expondo sua condição de “turista”, ou *voyeur*, da dor alheia.

Ele, um destruído, não tem roteiro próprio. Não consegue chorar a própria dor. Quem iria escrever a tragédia do executivo bem-sucedido de uma multinacional, proprietário de um superapartamento de pé-direito-duplo, mobiliado com os mais sofisticados produtos das regiões

mais distantes e exóticas do planeta, que viaja constantemente a trabalho, hospedando-se nos melhores hotéis do país, e que se veste da forma mais elegante, além de ser jovem, belo e saudável?

Mas é *essa* a tragédia que “Jack” precisa roteirizar para si próprio. Seu dilema é que, em sua (o que seria a sanidade?) consciência, ele está no topo do mundo e ver o abismo de sua vida, pela lógica padrão, lhe é impossível. A ação, ou melhor, a necessidade de agir, no sentido de um enquadramento, é a lição da moral da Pólis. Estar inserido implica em impedir a “vibratilidade” dos anseios de pertencimento, das inseguranças de não se sentir plenamente adaptado, produtivo e útil. Estar inserido implica em construir-se como mercadoria etiquetada – rótulos que esquadriham, identificam e moldam seu “nicho de mercado”. Por outro lado, desconstruir-se pode produzir o vazio (*Quis mudar tudo/ Mudei tudo/ Agora pôstudo/ Ex-tudo/ Mudo* – Augusto de Campos in *Despoesia*). Pode produzir um ser disponível, dócil e acéfalo¹³ ou, no limite da autodestruição, o ser-bomba, a violência, ou seja, a barbárie. Assim a in-consciência da tragédia pode criar outra e outra e outra: a cópia, da cópia, da cópia...

A personagem principal é um anônimo para quem, assim, se espalhe em denominações infinitas dentre os “inseridos”. A tragédia do mundo desloca-se do excluído, o marginal, o esquecido, para o inserido, o engolido, o triturado pelo sistema. “A democracia da sociedade do trabalho é o sistema de dominação mais perverso da história porque é um sistema de auto-opressão”¹⁴.

Eu vejo uma geração inteira que enche os tanques de gasolina do carro das pessoas, que serve mesas ou que é escrava de “colarinho branco”. A publicidade nos faz correr atrás de coisas e roupas para que possamos trabalhar em funções que odiamos, porque assim podemos comprar coisas que não precisamos [...] Somos criados pela televisão para acreditarmos que seremos, um dia, milionários, deuses do cinema ou astros do rock, mas não seremos. E aos poucos estamos aprendendo que isto é um fato. E agora estamos ficando muito, mas muito mesmo, putos da vida!¹⁵

O protagonista é um “inserido” que não ousa supor outra vida. Ele luta para se enquadrar, ele se dobra para superar uma infelicidade que solapa seus sonhos e, daí, seu sono e, assim, sua vigília.

Sem sonhos, ele fica sem ação e, sem esta, perde o sono. E, como ele próprio confessa, olhando a máquina de *xerox* trabalhando sozinha: “Com insônia, nada é real. Tudo parece muito distante. Tudo se torna a cópia da cópia da cópia”. O desmonte da cidadania com crachá implica em saber que “você não é o seu emprego, nem o que deixou no banco, nem o carro que dirige ou os documentos da carteira. Somos feitos da mesma matéria decadente do resto do mundo”.

O protagonista de *Clube da luta* assim se apresenta: um pobre diabo que se debate, impotente, no mundo do trabalho. Mas também nós somos pegos pela mesma surpresa que o acomete, quando nos deparamos com seu duplo, constituído de pura ação. Para isso Tyler Durden entra em cena: para roteirizar sua própria tragédia. A tragédia de ser a cópia, da cópia, da cópia, no contra-senso arrogante e soberbo de ter se feito o “ser supremo”¹⁶.

A ação de um se reflete no outro, pois, depois descobrimos, são a mesma pessoa. Tyler é o duplo da ação, do rompimento, do nomadismo, do retorno à matéria primeira. É ele quem explica a “Jack” que, se ele perdeu seu acolchoado “Duvet”, pode ainda reaprender o significado básico de uma coberta: “Tudo o que você possui, acaba te possuindo”. A errância do duplo é que mantém a sua capacidade destrutiva e auto-salvadora. O deboche destrói as etiquetas que aprisionam “Jack”, e o aproxima de Marla, seu duplo feminino mais cru.

Em Marla, a evidência da realidade não precisa de subterfúgios morais que a afaste. Ela prescinde do duplo-de-ação. Marla é toda desobediência e deboche. Ela se apropria do que precisa para viver para não ter de ceder ao Mundo do Trabalho. Para Marla, a lição que o Manifesto Contra o Trabalho do Grupo Krisis queria ensinar já estava introjetada: “O lema da emancipação social só pode ser: **tomemos o que necessitamos!**”¹⁷.

Por mais violenta e imoral que essa idéia possa parecer, é através dela que o filme propõe a libertação do herói – longe dos padrões éticos clássicos, sejam eles aristotélicos, judaico-cristãos

ou de Estado. Se a proposta do Grupo Krisis, encabeçada por cientistas sociais, jornalistas e intelectuais, nos parece escandalosa, muito mais assustadora ela se revela quando a percebemos tão bem fundamentada estatística e teoricamente.

Em *Clube da luta*, Tyler Durden reafirma que “autodesenvolvimento é masturbação, autodestruição é a salvação”. Sem ilusões, a ação de Tyler busca o caos, sem concessões ou sutilezas. A catarse só é produzida pela destruição em si mesma. Vivência e experiência na busca do primevo, rumo à barbárie (perdida?).

O mundo deve retornar ao caos, deixando proliferar à vontade os rizomas, esses caules subterrâneos laterais que não crescem verticalmente, como as raízes, mas se estendem, indefinidamente, em arranjos heterogêneos maquínicos e desconectados¹⁸.

Assim, sem raízes e sem cumprirem desígnios ideológicos, talvez se possa buscar no nomadismo, ou quase, formas básicas de se estar. Guattari e Deleuze, como Tyler, não se iludem com o desejo sob controle, disciplinado. Desse modo, o caos acaba sendo filtrado e “recentralizado” pelas forças catalisadoras, a menos que se proponha uma articulação de outro tipo, longe do isolamento da busca da identidade flexível. Uma ação política não macro, mas pulverizada, sem formação de redes ou controle sobre elas, sem estatuto de verdade, mas que funcione como impulso para ações pontuais, rumo à desqualificação do sistema.

Na lucidez alucinada do espelho rompido, a humanidade ficou reduzida ao mero estado de consumidores, e essa categoria define que “somos o resultado da obsessão por um estilo de vida. E nada mais interessa agora: a miséria, os crimes, as injustiças. Só importam as novidades do mercado, a vida das celebridades e as grandes marcas da indústria da moda”. Ele prega: “Pare de correr atrás da perfeição, pare de querer tornar-se pronto, acabado, completo. Temos de evoluir e deixar de tentar controlar a própria vida com projetos que só aprisionam as pessoas no jogo de poder desvelado”.

Clubes de luta proliferam pelos infernos das cidades, em becos, esquinas e estacionamentos vazios, onde homens destituídos de visões positivas sobre si próprios e os rumos de suas vidas ou, até mesmo, sobre a nulidade de suas interferências nos rumos da Pólis, possam exercitar suas catarses, afiar suas armas “liliputianas”. “Tudo o que nos sobrou foi a liberdade de escolha ante as prateleiras do supermercado”¹⁹. Tyler ensina ao exército que vai se formando: “Vocês não são únicos e belos como os flocos de neve. São apenas feitos da mesma matéria orgânica em decomposição como tudo mais. Somos parte do mesmo monte de estrume – somos as únicas merdas que cantam e dançam no mundo”²⁰.

Quando “Jack”, desesperado e desiludido, implode seu patrimônio (inconscientemente), então, e só então Tyler assume o comando e se torna visível na tela.

Só depois que se perde tudo é que você está livre para fazer qualquer coisa. Você via e ouvia, mas não entendia! Você tem que esquecer tudo o que sabe e tudo o que você **pensa** que sabe!²¹.



Clube da Luta

A mesma apatia e inconsciência que acomete “Jack” nos vitimiza pela evidência do roteiro, que nos prova sermos vítimas da mesma sabotagem a que Tyler submete as pessoas enquanto “terrorista”. Um dos afazeres de Tyler é ser projetista cinematográfico de filmes para família (do tipo “sessão da tarde”). Entre um rolo de filme e outro é preciso haver uma emenda, e é sobre essa emenda que ele “cola” uma imagem (um

único *frame*) pornográfica retirada de um filme pornográfico. Famílias e criancinhas, aturdidas e incrédulas, vêm um enorme pênis na tela sem saber, ao certo, se viram de fato, algo diferente. Tyler nos prova, com o mesmo truque que nos foi pregado desde o início do filme, o que, como as inocentes criancinhas, também nós somos sabotados. Esse alerta é estendido às outras imagens que nos vitimizam pela vida afora, além de nos “explicar” o que foi se infiltrando na consciência de “Jack”, cindindo-o em dois.

Enquanto divertido e apático, “Jack” é arrastado por Tyler, seu duplo virtual, e que conduz a trama. A ação rumo à transformação brota dele. É somente quando “Jack” assume para si mesmo a violência, dando um tiro na própria boca, Tyler perde a razão de ser e “morre”, assumindo “Jack” o cataclisma que seu exército promove.

As ações correrão por conta da desilusão não apenas na falta de dignidade do projeto da Pólis, que não visa, afinal, o bem comum, nem tampouco, o de seus indivíduos, mas tampouco a juventude, depositária até recentemente, das esperanças de transformação social e política. A juventude, cooptada, consumista, conformada e descrente, busca apenas as inovações tecnológicas do mundo *fashion*. Tyler ironiza um corpo “malhado” e jovem de um modelo em um *outdoor* vestindo uma cueca da moda: “É isso que se espera de um ser humano? As pessoas se enfiam nas academias tentando parecer com o que o Calvin Klein deseja?”.

Quebrar a própria resistência significa vivenciar a dor no corpo e destruir nele, a idéia de templo protegido pela medicina, pelas regras de saúde, dietética e higiene. Tyler “ensina” a não ignorar a dor. Sem a dor, não temos os sacrifícios e, sem eles, não temos os atos vivenciais que povoaram e constituíram a história humana. A construção dos heróis é um falso espelho, mantido e ensinado para a domesticação dos instintos.

Enfrentar a dor é também saber que, sendo abandonados por Deus, está-se livre para redesenhar seus caminhos. O abandono divino os liberta: “Dane-se a redenção, dane-se a maldição!”. Aprender que somos filhos indesejados pode levar à idéia de que “nosso” resgate depende de nós mesmos. Segundo Tyler, saber e não temer que o corpo apodrece e morre é deparar-se com a realidade. Conhecer a dor é reconhecer a morte e, assim, aceitar o corpo, a matéria de que é feita e, portanto, a vida. Ele não é feito para se adaptar ao desejo alheio, a padrões de consumo ou a

exigências do trabalho. O corpo é moldado para nos servir até que apodreça.

Em *Clube da luta*, o corpo é freqüentemente destruído, machucado, degradado através de perdas de dentes, das cicatrizes e das manchas de sangue espalhadas por ele e pelas roupas. “O corpo, tema freqüente dos estudos culturais nos Estados Unidos, é um corpo plástico, remodelável, socialmente construído, e não o pedaço de matéria que adocece e morre”²². E essa idéia de corpo é combatida em cada soco que se desfere ou sofre, em cada gemido redentor que a dor, buscada sem causas nobres, provoca. Assim, o corpo é “pesquisado” como área de limites sem a perspectiva social. Experiência e catarse.

A mulher, para Tyler, faz parte do caminho prescrito para o aprisionamento dos sonhos. Da maneira como são conduzidos, amor e família apenas reproduzem o eterno cerco. O pai diz: Vá estudar! E depois: Vá trabalhar! E depois: Vá se casar! Mas no universo encolhido, sem instintos, sem impulso e sem conflitos dos “inseridos”, nada faz sentido. Os pais, abandonando suas famílias, limitam suas responsabilidades às pensões. Às mães restam as regras. E as mulheres não são novos desafios, mas a mera perpetuação do controle. Nunca se está amadurecido para o mergulho em outro eu. “Não posso querer me casar, sou só um garoto de 30 anos”. O corpo é vivência: “Eu te amo – diz Marla a “Jack”. Quero ter um aborto contigo”²³. A Pólis é morta.

Mas o *Clube* não é sobre individualidades isoladas. Ele fala da falta de escrúpulos das ações públicas levadas a termos pelo próprio sistema. E é contra ele que a verdadeira luta-sabotagem se organiza ou des-organiza. A desorganização da Pólis pode significar uma epopéia às avessas²⁴. Quando se tem uma convicção clara e uma história “verdadeira” (por mais ficcional que seja construída), a saga se insere na realidade por ser a cópia, da cópia, da cópia. *Xerox* doloroso do fim da assunção da Pólis como cume das aspirações de cidadania e autoconstrução humana, a saga de “Jack” desnuda o jogo de espelhos que engana e condena tanto excluídos quanto incluídos.

A política só serve para quem almeja a conquista do aparelho do Estado para dar continuidade à sociedade do trabalho [...] a conquista de espaços livres sócio-econômicos e culturais só se realizará através da constituição de uma contra-sociedade, onde a liberdade só será

alcançada pela organização de relações sociais sob a direção própria, sem a interferência de aparelhos de controle²⁵.



Clube da Luta

Sem perder tempo com palavras (“O Clube da Luta não é sobre palavras”, diz Tyler), a agressividade esclarece suas intenções:

As pessoas que você persegue são as mesmas de quem você depende. Somos nós que lavamos sua roupa, fazemos sua comida, servimos seu jantar. Somos nós que o protegemos enquanto você dorme, que dirigimos suas ambulâncias, que processamos seus pedidos de seguro, que controlamos todas as áreas da sua vida, portanto, não nos sacaneie!¹.

A indeterminação dos objetivos do Projeto Caos se faz coerente. Perguntas não devem ser feitas nem esclarecimentos devem ser dados. Tyler se recusa a projetar conseqüências. “Não sei dizer se o Projeto Caos poderá implodir com os pilares da civilização como dominós. Nem quero saber se poderá nos levar a uma Era das Trevas”. A possibilidade de o caos nos levar às trevas, um *Mad Max* pós-destruição ambiental ou um novo feudalismo soterrado no pavor do inferno, manipulado por uma teocracia brutal e acossado constantemente por pilhagens, assaltos e invasões de vândalos, já lhe parece familiar. Todas as ações serão aceitas para o extermínio da prisão da atual Pólis. Os risco de levar a saídas inusitadas, mais ajuizadas com os instintos humanos, quer sejam civilizados(?), quer sejam bárbaros(?) podem guardar, em si, uma possibilidade alvissareira. As respostas não podem estar num “Manual do Usuário”, nem em Deus, nem em nenhuma instituição sobrevivente do antigo e nobre projeto aristotélico da Pólis, pois esta é morta.

Ação em espelhos que já não se copiam, mas se integram como a idéia da práxis: ação e pensamento – reflexão e transformação – destruição e caos – barbárie e rizoma.

NOTAS

*Mestre em Literatura e doutoranda pela UFSC
Professora de Sociologia, Filosofia e História da Arte na UNISUL/SC

¹ Apresentado no II Colóquio FIFI: Filosofia e Ficção. Cinema e Muitas Questões – Quase Todas Ontológicas, realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 12 de novembro de 2004, em Florianópolis, SC, sob o título *Novas fábulas entre a civilização e a barbárie*.

² BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*. Trad. Carlos Moisés e Ana Ioriatti. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. p.17.

³ Para o sociólogo Zygmunt Bauman, vivemos numa “sociedade líquida”, na qual a pós-modernidade seria a modernidade sem ilusões, e sua crítica está em que as dimensões ética e humanitária desapareceram das discussões públicas, por se recusarem a fazer julgamentos sobre os modos de vida viciosos ou virtuosos, pois, “no limite, não há nada a ser debatido”. In *Folha de S.Paulo*, Mais! 19 de outubro de 2003.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.241.

⁵ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁶ ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1993, p.41.

⁷ Poética. Op. Cit. Cap.VI, p.37

⁸ *After a night in Fight Club, everything else in your life gets the volume turned down. You can deal with anything. All the people who used to have power over you have less and less* (Tradução livre).

⁹ NIETZSCHE., Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos – ou como filosofar com o martelo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p.23.

¹⁰ *The world I see you're stalking elk through the damp canyon forests around the ruins of Rockefeller Center. You wear leather clothes that will last you the rest of your life. You climb the wrist-thick vines that wrap the Sears Tower. You see tiny figures pounding corn and laying strips of venison on the empty car pool lane of the ruins of a superhighway* (Tradução livre).

¹¹ “Ética a Nicômaco”, op. Cit, p.1

¹² “Ética a Nicômaco”, op. Cit, p.14

¹³ MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: Ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Unesp, 2002. p.52.

¹⁴ Idem, p.51.

¹⁵ Segundo Adorno, “Liberdade organizada é coercitiva”, In: ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. coleção Leitura: 51, p.117.

¹⁶ KRISIS: 1999. p.10.

¹⁷ *I see a whole generation and they're pumping gas and waiting tables; or they're slaves with white collars. Advertising has them chasing cars and clothes... The strongest and smartest men who have ever lived working in jobs they hate, just so they can buy shit they don't really need.... We were raised by television to believe that someday we'll all be millionaires and movie stars and rock stars — but we won't. And we're learning that fact. And we're very, very pissed-off* (Tradução livre).

¹⁸ “A lição moderna, em sua crítica da metafísica, revela que o sujeito é, para o sujeito, o ser supremo” MATTEI, p.23.

¹⁹ Grupo KRISIS. *Manifesto contra o trabalho*, In: CADERNOS DO LABUR, n. 2, Laboratório de Geografia Urbana, São Paulo: USP. p.17 (grifo nosso).

²⁰ Deleuze e Guattari apud MATTEI. Op.cit. p.245.

²¹ KRISIS. Op.cit. p.16.

²² *You are not a beautiful and unique snowflake. You are the same decaying organic matter as everything else. We are all part of the same compost pile. We are the all-singing, all-dancing crap of the world*. (Tradução livre).

²³ “Only after you've lost everything are you free to do anything! you see, you listen, but you don't get it! you have to forget everything you know, everything you **think** you know! (Tradução livre).

²⁴ EAGLETON, Terry. Depois da teoria, in *Folha de S. Paulo*, Mais!, de 2 de novembro de 2003,p.7

²⁵ “I love you. I want to have your abortion” (Tradução livre).

²⁶ A épica, expressão objetiva de um mundo tem por objeto uma ação que fala de uma nação ou de uma época. É “o conjunto da concepção do mundo e da vida de uma nação que apresentado sob a forma objetiva de acontecimentos reais, constitui o conteúdo e determina a forma do épico [...] fazem parte [...] a consciência religiosa de todas as verdades profundas do espírito humano e, por outro lado, a vida concreta, a vida política e doméstica, e até as necessidades que a vida exterior comporta e os meios de as satisfazer. E a (poesia) épica vivifica tudo isto, relacionando-o com os indivíduos, porque a poesia o geral e o substancial não existem senão em estado de presença vivente no espírito”. HEGEL, *Estética: a idéia e o ideal*. Lisboa: Guimarães, 1980, p.9-11.

²⁷ Grupo KRISIS. Op.cit. p.19 e 20.

²⁸ “Remember this. The people you're after are everyone you depend on. We're the people who do your laundry and cook your food and serve your dinner. We guard you while you sleep. We drive the ambulances. We process your insurance claims. We control every part of your life. So don't fuck with us!”